

## **RAZÃO, ESPAÇO E IMAGINÁRIO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA**

**Adilson Tadeu Basquerote Silva**  
**Universidade Federal de Santa Catarina**

**Eduardo Pimentel Menezes**  
**epmenezes@ig.com.br**  
**PUC-RIO/UERJ**

**Iduína Edite Mont`Alverne Braun Chaves**  
**Universidade Federal Fluminense**

### **Introdução**

Gaton Bachelard (1997) é um dos autores cujas ideias podem ser pontos de partida por onde o processo de (re)encantamento do ensino de Geografia possa se inspirar. Os escritos do autor possuem uma forte conotação espacial, observados a partir de uma dimensão onírica, poética e dos sonhos. O espaço observado em hibridismo com a poesia e com o imaginário oferece pistas por onde a ciência geográfica pode caminhar numa perspectiva de coexistência harmônica, articulando a razão, a emoção, a percepção e a sensibilidade. A construção da noção de espaço na criança a partir do olhar geográfico pode ser resignificada em uma dimensão subjetiva em que os espaços próximos, como os da casa, são narrados poeticamente. Os elementos como fogo, água, terra e ar também compõem as narrativas da obra de Bachelard (2007) e são essencialmente geográficos, e podem alimentar um discurso para além da racionalidade científica que permeia, hoje, de forma excludente, outras dimensões da realidade, a compreensão da “Geografia Física”. Como pensar o relevo, a precipitação, os biomas, a paisagem empírica e várias outras temáticas da Geografia por sendas não estritamente ditadas apenas pela leitura da física?

De acordo com Moreira (2014) a Geografia concebe a natureza como um grupo de corpos organizados por parte da linguagem matemática, mensurando suas dimensões e enumerando seus movimentos mecânicos. O nosso conhecimento sensível é organizado e compreendido por parte de uma linguagem racional pautada na geometria, matemática e física, como se a única forma de construir uma unidade na Geografia Física fosse a partir da formação de um discurso físico-matemática da nossa experiência sensível. Assim a natureza se constitui como algo inorgânico (clima, relevo, entre outros), onde a presença orgânica é estudada para compreender e desenvolver um “equilíbrio” ambiental. Dessa forma, classificamos e organizamos os elementos da nossa percepção de maneira taxonômica. O relevo se classifica e compreende-se pela altimetria e por linhas topográficas para demarcação das fronteiras dos Estados na época do período Imperialista europeu. O clima e seus mecanismos constitutivos lembram um processo de análise combinatória entre temperatura, pressão e umidade do ar. A rede fluvial é compreendida como um sistema organizado e hierarquizado.

A pretensão não é afirmar que essa forma clássica de concepção da natureza encontra-se equivocada e que necessita ser substituída por outra considerada mais adequada. Essa dimensão do pensamento humano refere-se a necessidade de coexistência



com formas mais intuitivas e subjetivas que também compõem o escopo científico e podem contribuir para formas mais plurais de interpretações geográficas. É nesse sentido que os cursos de formação de professores de Geografia podem abrir-se ao diálogo acadêmico com essas temáticas, permitindo ao futuro professor um pensamento diverso e práticas geográficas que possam contemplar o múltiplo e o diversificado, a norma e a vida, o objetivo e o subjetivo.

A partir de referenciais teóricos é possível conceber união entre a razão e a sensibilidade, dentre eles, Hillman (1995) e Durand (2002) que iluminam o nosso olhar para a interpretação da realidade que permeia uma constante e ininterrupta preocupação com a leitura do mundo. O enfoque que adotamos nesse trabalho enfatiza a necessidade de superação da separação entre sensibilidade e razão, poesia e ciência, que a modernidade ocidental assumiu. Busca, também, construir um caminho intelectual que não se contente com a dicotomia fundada pelo mundo moderno entre Ciência e Arte, razão e sensibilidade. Necessita-se buscar outras formas de compreensão da realidade, não mais fomentadas e construídas a partir de uma perspectiva ocidental/etnocêntrica, em que a tecnologia e a razão instrumental superam todos os constrangimentos da natureza, sobrevalorizando a razão e a (re)produção em detrimento da sensibilidade e da criatividade humana. Para falar em criatividade humana é necessário falar em arte. Habermas (1981) critica a dissociação que a modernidade criou entre ciência, moral e arte, onde se observa que o verdadeiro, o justo e o belo não mais coincidem num mesmo conjunto. De acordo com Paz (1982):

[...] ao extirpar a noção de divindade o racionalismo reduz o homem. Liberta-nos de Deus, mas nos encerra num sistema ainda mais férreo. A imaginação humilhada se vinga e do cadáver de Deus brotam fetiches atroz: na Rússia e em outros países, a divinização do chefe, o culto à letra das escrituras, a deificação do partido; entre nós, a idolatria do próprio eu. [...] Fechou-se todo contato com os vastos territórios da realidade que se recusam à medida e à quantidade. (p. 327-328)

Da mesma forma Paz (1982), Haesbaert (2002) defendem a redescoberta de novas emoções. Nesse sentido, a poesia apresenta-se como elemento emancipador, podendo ser compreendida para além da arte de escrever em verso. Ela transcende este significado, ao ser utilizada como sinônimo de estética e daquilo relativo ao belo. Nesse intuito, ao utilizar-se as reflexões fenomenológicas de Gaston Bachelard (2002) a partir da poesia, compreende-se que ela necessita ser tratada com entusiasmo criador, com inspiração e como aquilo que desperta o sentimento do belo. Nesta perspectiva, Haesbaert (2002) auxilia na reflexão sobre a necessidade de observar a poesia como elemento aglutinador do humano e, portanto, de nossa capacidade de compreender o mundo em que vivemos. Assim, ela possibilita o rompimento com a linearidade e a funcionalidade dos modelos determinados pela economia, onde a forma se articula à função e difunde o lúdico, o poder criador, além da liberdade da imaginação. Como tal, a poesia é considerada em uma dimensão revolucionária, que segundo Paz (1982,p15), “é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro”.

### **Por uma formação Poética do professor de Geografia**

Para iniciar o diálogo entre os elementos e indagações narradas no item anterior, pauta-se nos pressupostos teóricos de Gaston Bachelard (2002), que por meio do devaneio



e da poesia, nos apresenta a busca por um olhar para a realidade que nos cerca. Uma realidade mutável, perceptível por meio de múltiplas dimensões e sempre inacabada. Para isso o autor recorre à fenomenologia e a seus princípios para realizar a tomada de consciência utilizando-se das imagens poéticas e a comunicação com a consciência “criante” de um poeta. Pode-se considerar que Bachelard foi quem iniciou um estudo sistemático e interdisciplinar sobre o símbolo. O autor tem o mérito de ter reabilitado a poesia como meio de conhecimento, onde ela passou a ser estudada como o domínio do simbólico, do sensível e do subjetivo e fazendo uma filosofia que construa a complementaridade entre poesia e ciência, unindo-as como dois contrários bem feitos.

Bachelard (2002) chama atenção para o fato de que o imaginário não é uma fantasia delirante, mas que se desenvolve em torno de alguns grandes temas, algumas grandes imagens que constituem para o homem os núcleos ao redor dos quais as imagens convergem e se organizam.

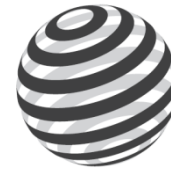
Em suas contribuições observáveis como, por exemplo, no novo espírito científico, Bachelard (2002) orienta a ciência para uma mudança de paradigma, propondo estudar o homem em sua capacidade de devaneio. É com ele, que a visão do homem como se fosse um objeto deixa de ser a mais importante. Para o autor, a validade do conhecimento é a mesma, seja ele fornecido pela experimentação ou pela poesia, demonstrando com sua obra que a organização do mundo – as relações existentes entre os homens e a terra, entre os homens e o universo – não é o resultado de uma série de raciocínios, mas a elaboração de uma função da mente que leva em conta afetos e emoções. É a partir desse ponto de vista que o filósofo chama atenção para algumas ideias básicas, entre elas, a de que o símbolo permite estabelecer o acordo entre o eu e o mundo e que os quatro elementos (terra, fogo, ar e água) são os hormônios da imaginação. Para o autor, o símbolo é dinâmico e a partir dessa concepção estabelece a relação entre imagem e imaginário, onde a palavra mais importante para a imaginação seria o imaginário e não a imagem. Graças ao imaginário é que a imaginação seria aberta e evasiva.

Assim, é pertinente continuar tecendo algumas considerações sobre Bachelard antes de buscar um diálogo com algumas de suas ideias e a formação do professor de Geografia. Algumas noções enraizadas sobre o autor, como a dicotomia entre a razão e a sensibilidade precisam ser revisitadas e (re)apropriadas para compreendermos a sua utilização no presente artigo.

À primeira vista, pode-se estabelecer uma dualidade em Bachelard (2002) no que diz respeito à racionalidade científica e à criatividade poética. Aparentemente, o bachelardismo teria instalado um dualismo radical que opõe a epistemologia, inscrito na longa tradição do positivismo francês, e a dimensão poética que explora a atmosfera dos sonhos.

A obra filosófica do autor em questão inicia-se marcada por uma cisão que separa dois períodos: o primeiro conhecido como epistemólogo, e outro, originado a partir de 1938, orientado por uma temática mais estética e literária, declamada pelas obras consagradas à poética dos elementos. Essa ruptura é definida por ele como a conquista e a descoberta de uma dualidade antropológica, opondo ciência e sonho, conceito e imagem. O autor assume, ainda, a ruptura instalada entre uma psicologia da abstração científica e uma fenomenologia da imaginação onírica.

Os dois lados, em Bachelard, poderiam ser interpretados como contrários, um tipo de justaposição, sem mediações, constituindo-se a partir de uma exigência racionalista e de uma atração antirracionalista. Neste sentido, desde o último século, estas duas tradições intelectuais se engajaram sobre vias divergentes. Do lado germânico, o ideal para o pensamento é assegurar um autodesenvolvimento especulativo, gnoseológico ou visionário, da totalidade do ser abstrato, a aprender a figura do individual como uma passagem em um processo histórico. Ao contrário, a racionalidade francesa, herdeira desde o cartesianismo da



posição inaceitável do Cogito limitado, visava, sobretudo, fazer reinar o poder do sujeito, objetivando ultrapassar sua particularidade num universo mais abstrato.

A epistemologia de Bachelard diz respeito a um tipo de política da razão universal. Já sua poética do devaneio desenvolve as profundezas inconscientes do Ego, colocando-as, por meio da imaginação, em sintonia e consonância com a Natureza e com o Cosmos. A epistemologia bachelardiana possui forte influência francesa, sob o ponto de vista da abstração desindividualizante, e sua estética do devaneio intenciona reconciliar a subjetividade, capaz de despertar imagens arquetípicas com a totalidade da natureza, que se aglutina alquimicamente. Privilegia, também, o movimento de aproximação do conceito com o real, através do conhecimento fenomenal.

A partir das influências da teoria da relatividade e da mecânica quântica, o autor pensou a racionalidade científica a partir de um caminho e de uma via complexa. O novo espírito científico do autor encontra uma razão que não obedece, necessariamente, mais a uma lógica indutiva. A influência de C.G. Jung acabou levando Bachelard a explorar os caminhos da hermenêutica simbólica, onde os sonhos sobre as matérias não modificam apenas as determinações empíricas e inconscientes do sujeito, mas também possibilitam a existência de uma criação contínua de significações ambivalentes que correspondem a valores simbólicos universais. Bachelard (2002) desenvolve uma metodologia pautada na crítica da psicanálise freudiana, que acreditava ser fechada numa busca causal de traumatismos e de complexos pautados em uma deformação das imagens e do poder criador da imaginação. Nessa nova perspectiva, o sujeito é arrancado de sua história pessoal para desvendar redes de significações escondidas nos "Arcanos do grande Todo".

O devaneio bachelardiano (2006) não se constitui no resultado e um olhar frágil do dado, como observado em Sartre, deve ser compreendido como capacidade de revelar as polaridades do Ser. A imaginação se organiza como uma forma de participação mágica numa Natureza definida como alma do mundo e não como mecanismo inerte de partes isoladas. Da mesma forma podemos realizar a crítica sobre o significado de imagem em Bachelard e Sartre. O primeiro vai além do segundo, tornando manifesta a onipresença da imagem na vida mental do indivíduo, fonte de uma relação poética com o mundo.

Bachelard (2001, 2002, 2003, 2005, 2008) pensa a necessidade de explicar os sonhos pelos sonhos, ao mesmo tempo em que propõe um projeto de racionalização do imaginário. Essas duas fases da história intelectual do autor merecem ser observadas para não cairmos em um reducionismo de suas ideias e contribuições. O autor opta finalmente por uma filosofia da nostalgia do Ser, influenciado por Heidegger, onde a relação entre presença e ausência, de revelação e de mistério, permitindo à imaginação onírica despertar o vazio do ser, que se forma a partir do retorno de uma negatividade não dialetizável.

A análise do imaginário, em Bachelard (2006), pode efetuar-se por uma via negativa, na ciência, que apreende a imagem como obstáculo epistemológico e a partir de uma abordagem positiva, sob forma poética e criadora. As imagens apresentam-se como representações dotadas de um poder de significação e de uma energia de transformação. Vai ser Jung, que constitui as raízes da imaginação em matrizes inconscientes (os arquétipos). Longe de serem recalçadas, como para Freud, estas imagens são transformadas por uma consciência onírica em imagens novas quando postas em contato com os elementos materiais do mundo exterior. As imagens encontram a sua dinâmica criadora na experiência do corpo, como por exemplo, a atividade física de expressão linguística ou do trabalho muscular através dos seus movimentos e dos seus ritmos, além da consciência temporal descontínua, que é composta por instantes sucessivos e inovadores levados por um ritmo. Essas contribuições de Jung vão permear e influenciar a evolução do pensamento de Bachelard.

A partir das questões até aqui apontadas destaca-se a importância da obra de Bachelard e sua possibilidade em nos auxiliar na investigação pretendida neste estudo.





Compreende-se o autor como alguém que reuniu as duas faces complementares do espírito humano. O autor, na verdade, se posiciona como inimigo dos dualismos, sempre buscando ritmá-los e dialetizá-los, ultrapassando a oposição inaugural entre razão e imaginação, que marcou o início dos seus escritos. Sua capacidade de articular o pensamento filosófico alemão, baseado em uma língua jovem, leve, criativa e desligada do racionalismo conceitual, que adoçava os substantivos pelo jogo dos prefixos e sufixos, com o apego da língua francesa a um classicismo semântico e sintático, o leva a um pensar de forma linear. Esse pensamento era baseado em categorias fixas de acordo com uma ordem analítica das relações entre as ideias, possibilitando a superação da atrofia de uma das duas culturas, evitando assim um desequilíbrio quase patogênico do homem.

A sua poética se transforma em uma chave para a compreensão da psicologia científica, onde a mesma se encontra diante de imagens oníricas. Já o imaginário continua cego, ininteligível, sem conceito, na medida em que não considera a racionalidade intrínseca que o conduz e o atravessa. Consideramos, então, que nossas atividades intelectuais dependem de uma combinação complexa, construindo sentido para uma razão poética e para a poesia científica. A epistemologia de Bachelard constitui-se, assim, em uma adesão ao polifonismo.

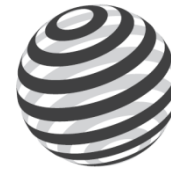
Essa articulação entre diferentes filosofias, superando a vitória da racionalidade unidimensional e da dicotomia entre o conceito e a imagem, é relevante para pensarmos em uma influência para argumentar possibilidades de construção da noção de espaço pela criança articulado a uma modificação na formação do professor de Geografia, que ultrapasse sua dimensão métrica, geométrica e simétrica, sem desconsiderá-las.

### **Aspectos relevantes para um pensar geográfico a partir do imaginário em Gaston Bachelard**

Quando reflete-se sobre o processo de construção da noção de espaço pela criança, não é possível desconsiderar a dimensão poética, sensível e onírica. Os educadores percebem o nascimento da imaginação nas crianças, mas dificilmente percebem quando ela morre no processo de construção do raciocínio espacial formal. De que forma as imagens tão significativas e adoradas durante as nossas vidas, constituem-se apenas como lembranças ou imaginação quando aparecem em nossa memória? Os fatos e dimensões dos espaços que percorremos na infância possuem significados distintos de quando os reencontramos ou apenas quando se encontram guardados na memória? Como dialogar com esses múltiplos sentidos e significados?

Bachelard (2006) imprime uma marca de pensamento a partir do devaneio e da fenomenologia. Para ele, o devaneio é observado como um processo de fuga do real, mas que nem sempre encontra um mundo irreal consciente. Essa seria a primeira angústia do pensamento bachelardiano: como realizar um estudo fenomenológico do devaneio se o mesmo propicia uma diminuição da consciência que se perde no próprio fenômeno do devaneio, constituindo-se assim em uma não consciência? Mas, o autor logo encontra a justificativa para não abandonar essa celeuma e mostra a importância em se deixar permear por estas sendas. Anuncia o estudo do devaneio poético, ou seja, aquele em que uma consciência em crescimento pode seguir, sem romper com a imaginação.

A grande contribuição da poesia associada ao devaneio seria a de permitir a harmonização da polifonia dos sentidos, que possibilitaria o pensar uma educação dos sentidos e da sensibilidade, onde incluímos aí o estudo da Geografia escolar e científica. É sob esse aspecto que um devaneio não se conta como um sonho, sendo necessário escrevê-lo para comunicar sua emoção e assim pode-se revivê-lo melhor quando o transcrevemos.



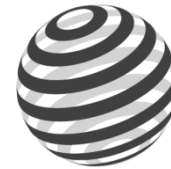
Julga-se relevante nos devaneios poéticos as hipóteses de vida que criam novos sentidos para as mesmas, construindo uma atmosfera de confiança na realidade e conseqüentemente em nossas interpretações espaciais e geográficas. Essa virtude permite a possibilidade, também, de conceber um mundo sonhado, fazendo com que o nosso ser possa engrandecer-se. Percebe-se o potencial emancipador do devaneio poético quando este reúne o nosso território corpóreo ao cognitivo que interage com a realidade material. Entre o corpóreo e o cognitivo está o imaginal, a alma onde o devaneio se desenvolve. Assim, os espaços emancipadores são aqueles que nos permitem sonhar e nos fortalecer com os sonhos e os devaneios. Mesmo numa prisão física, ainda temos a possibilidade de sonhar e por meio do sonho ir para outros espaços. Isso não significa dizer ou acreditar que a única forma de transformação da realidade acontece pelo sonho e devaneio e que as estruturas espaciais empíricas não necessitam ser modificadas ou alteradas em benefício da coletividade.

No entanto se conseguirmos associar o poder do devaneio aos da racionalidade, poderemos construir ferramentas e dimensões espaciais que potencializem os anseios sociais. Quando nos encontramos na melancolia, estamos também na prisão, pois perdemos a capacidade de sonhar e devaneio, com possibilidades de enaltecimento do ser. Por quais razões não consideramos essas perspectivas na formação do professor de Geografia? Como a construção da imagem de mundo a partir de uma Geografia escolar que contemple o racional e o simbólico, assim como a imaginação, pode aproximar a ciência geográfica do cotidiano vivido por parte de crianças e adolescentes sentidos no lugar em que vivem e no mundo?

Observamos que a contradição das polaridades pode se aproximar e construir situações de coexistência e de hibridismo passíveis de serem examinados e compreendidos. Bachelard (2006) propõe estudar o devaneio idealizante, que põe na alma de um sonhador valores humanos e uma comunhão de anima e animus, que representariam os princípios do ser integral. O devaneio merece ser observado na infância, momento propício e frutífero para se perceber sua existência, manifestação e potencialização na realização de reflexões sobre infância, devaneio e Geografia devem, assim, caminhar juntos.

Quando o indivíduo se refere à infância, logo nos vêm à cabeça as recordações do passado que considera individual e pessoal. Acrescenta-se aqui o fato de que é pela narração dos outros que conhecemos nosso passado, se misturando com nossas experiências pessoais. É por meio da história contada pelos outros que se constroem os pensamentos e as experiências individuais de infância. Nessa perspectiva, reporta-se aos devaneios mais profundos, que as remetem tão intensamente a si mesmo que os livra de sua história e os liberta das histórias narradas pelos outros sobre si. A Geografia escolar pode contribuir para a construção não apenas de uma imagem de mundo, mas também da imagem de cada um sobre si, articulando o corpo ao território em suas diferentes escalas. Refere-se ao ato de sonhar, que é bem presente na criança e que o mundo racional acaba por conter, emoldurar e aprisionar como algo oposto às ações racionais do cotidiano. É na solidão da infância, onde a criança torna-se dona de seus devaneios, que a mesma constrói a prática de sonhar, habilidade essa que futuramente é utilizada pelos poetas.

Bachelard (2006) chama esse processo do sonho das crianças e dos poetas de poético-análise. Esse processo contribui para a construção individual do ser das solidões libertadoras. Mais do que isso, a poético-análise nos permitiria devolver o poder da imaginação perdida durante a infância. Se pensa-se a memória como um amontoado de recordações, toda a infância encontra-se por ser reimaginada por meio da narrativa. A Geografia científica e escolar são, exatamente, narrativas do mundo e dos indivíduos. O ato da reimaginação da infância permite reencontrá-la nos devaneios e as experimentar no espaço geográfico, construindo um verdadeiro olhar geográfico. Nesse cenário, o devaneio auxilia no



processo de resgate da nossa infância por meio do sonho e da imaginação, elementos fundamentais para compreender o processo de formação da noção de espaço pela criança à medida que não mais dispõe-se de habilidades tão valiosas.

Não questiona-se que na alma humana permanece um núcleo de infância. O que acredita-se é que esse núcleo é desconsiderado pela ausência de importância a ele atribuída. Essa infância acaba por ficar imóvel, mas nunca morre. Mesmo estando fora da história, oculta para os outros, apresentando-se de forma escamoteada. Ao ser contada e narrada, ela constitui-se em momentos de iluminação da sua dimensão poética.

O devaneio na infância é o responsável pelo que nos concedia liberdade. Que outra liberdade realmente possuímos que não seja o ato de sonhar? É no devaneio que encontramos nossa liberdade. Assim, se uma infância habita no indivíduo, pode-se reviver suas possibilidades nos nossos devaneios, mais do que em sua realidade. Sonha-se o limite da história e da lenda, tudo que poderia ter sido. Sugere-se desenvolver a comunicação pelo processo de criação do poeta da infância, ou seja, por intermédio da criança que permanece no indivíduo. A infância estaria na origem das maiores paisagens individuais registradas e percebidas. É a partir dessas paisagens registradas que compreende-se o fato de que, nos devaneios da criança, a imagem é o elemento que prevalece acima de tudo, já que as experiências só aparecem posteriormente.

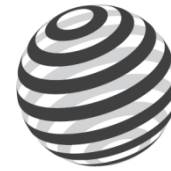
Destaca-se que esse é um processo ao qual é dada pouca atenção. Quando a criança atinge a chamada idade da razão, perdendo o seu direito irrestrito de imaginar o mundo, os pais e os professores assumem o papel de instrumentalizá-las a se tornarem objetivas. Como a Geografia escolar se aplica a esse processo? A sociabilidade nos é imposta, construída e empurrada. Maffesoli (1987) reflete sobre essa imposição ao trazer a noção de socialidade. Ela é pensada em oposição à sociabilidade, já que é conceituada a partir do ato de colocar a ênfase no presente, no instante vivido além de projeções futuristas ou morais, nas relações banais do cotidiano, nos momentos não institucionais, racionais ou finalistas da vida de todo dia. A socialidade é para o autor, um conjunto de práticas cotidianas que escapam ao controle social e que constituem o substrato de toda vida em sociedade, não só da sociedade contemporânea, mas de toda sociedade. Não podemos desconsiderar a Geografia da socialidade, ao darmos voz e projeção apenas a Geografia da sociabilidade. As práticas sociais estão permeadas das duas dimensões e precisam ser geografizadas.

### **Considerações Finais**

Por meio da sociabilidade a criança é preparada para sua vida em civilização na história da sociedade. A maior parte das lembranças da primeira infância de uma criança são “ensinadas”, constituem uma história que as mesmas aprendem a contar. A infância constitui-se como algo que acaba sendo construído para que a mesma siga o caminho já percorrido pelas outras. Para Bachelard (2006), a criança encontra-se em uma zona de conflitos familiares, sociais e psicológicos, onde se torna um indivíduo prematuro e recalcado no estado de infância.

A infância possui uma potencialidade relacionada ao passado, que ao serem esquecidas, podem ser retomadas pelo se imaginar. Destaca-se ao possuir ciência das múltiplas fontes da infância e acredita-se que isso torna possível traçar uma Geografia de múltiplas interpretações. O devaneio voltado para a infância possui um passado morto e tem no indivíduo um possível futuro relacionado às imagens vivas e redescobertas. A seguinte reflexão de Bachelard, (2006, p.106-107) contribui para o pensamento de tais descobertas:

E sempre haveremos de encontrar a mesma certeza onírica: a Infância é uma água humana, uma água que brota da sombra. Essa infância



nas brumas e nas luzes, essa vida na lentidão dos limbos, dá-nos certa espessura de nascimentos. Quantos seres temos começado. Quantas fontes perdidas que, no entanto têm corrido. Então o devaneio voltado para o nosso passado, o devaneio que busca a infância, parece devolver vida a vidas que não aconteceram, vidas que foram imaginadas. O devaneio é uma mnemotécnica da imaginação. No devaneio retomamos contato com possibilidades que o destino não soube utilizar... Devaneios voltados para a infância: esse passado morto tem em nós um futuro, o futuro de suas imagens vivas, o futuro do devaneio que se abre diante de toda imagem redescoberta.

Percebe-se então a relação entre infância, passado e imaginação, que se encontram por meio do devaneio. A construção da noção de espaço não se realiza sozinha. A noção de tempo hibridizando-se através do espaço é que auxilia na compreensão de um mundo espaço-temporal iniciado na infância. Nesta direção, o fato de os devaneios não se encontrarem ao alcance de todos não significa que sejamos apenas loucos sonhadores. A dimensão racional, quantitativa e cronométrica do tempo, assim como sua correspondência racional, quantitativa e geométrica de espaço não concedem lugar e significado às dimensões espaço-temporais do devaneio.

Nesta perspectiva, no âmbito do sonhador, torna-se difícil pensar a relação de dez séculos com um milênio. Nos sonhos de infância, tempo e o espaço não são Algarismos, eles vão longe e o milênio íntimo possui outro significado. Assim como nos sonhos dos adultos, onde as correspondências espaço-temporais não possuem sequência lógica e ordenada, onde as trilhas de espaço e tempo que construímos para criar uma sensação de cotidiano seguro e sob o nosso controle, não existem. Por essa razão os sonhos nos trazem tanta insegurança, encantamento e desespero. É o momento em que percebemos que o controle sobre o tempo e o espaço não podem ser realmente construídos.

Ao refletir sobre a linguagem racional e científica da Geografia, do seu ensino e aprendizagem, pode-se imaginar que o controle do conhecimento e das metodologias que transpõe didaticamente nas escolas esse saber, padece de um descrédito por parte de uma sociedade que não se reconhece apenas por parte da dimensão da razão científica clássica. Somos seres racionais, emocionais, subjetivos, sociais... Qualquer compreensão de mundo que subtraia a possibilidade de nos compreendermos por todas essas dimensões não tem como manter um discurso que encontre eco, construindo uma aprendizagem significativa, por parte daquele que nos ouve, mas que também interage, que pensa, que sonha e que devaneia. Acredita-se que esse seja o ponto de partida para uma aproximação entre a nossa formação científica e institucional e o cotidiano vivido por parte da socialidade do ambiente escolar dialogando e interagindo com a ciência geográfica e a Geografia Escolar.

### Referências Bibliográficas

- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A intuição do instante**. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.





- \_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios do repouso.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O ar e os sonhos.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASTELLS, M. **The Urban Question.** Londres, Edward Arnold; trad. **De La Question Urbaine ( 1972)**, Paris: Maspéro, 1997.
- DUBORGEL, B. **Imaginário e Pedagogia.** Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica.** Lisboa: Edições 70, 1993.
- \_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Campos do imaginário.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade.** S. Paulo, Ed. UNESP, 1991.
- HABERMANS, J. **Educação, certezas e apostas.** São Paulo: Unesp, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Théorie de L'agir communicationnel.** Paris: Fayard, 1981.
- HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Territórios Alternativos.** São Paulo: Contexto, 2002.
- HARVEY, D. **Spaces of captial: towards a critical geography.** Nueva York: Routledge,2001.
- HILLMAN, J. **Cem anos de psicoterapia...e o mundo está cada vez pior.** São Paulo: Summus, 1995.
- JAMESON, F. **O Espaço, a Fronteira Final.** São Paulo. Jornal Folha de São Paulo, 2 de novembro – caderno mais, 2003.
- LEFEBVRE, H. **La Production de l'Espace.** Paris: Anthropos, 1974.
- \_\_\_\_\_, H. **Espacio y Política: el Derecho a la Ciudad II.** Barcelona: Península, 1976.
- MAFFESOLI, M. **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- \_\_\_\_\_. **O tempo das tribos.** Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- MOREIRA, Ruy. **O Círculo e a espiral: para a crítica da Geografia que se ensina.** Niterói-RJ: Edições AGB Niterói, 2004.
- \_\_\_\_\_, Ruy. **As Categorias Espaciais da Construção Geográfica das Sociedades.** In GEOgraphia, ano III, nº5, Niterói: PPGeo/UFF, 2001.
- \_\_\_\_\_, Ruy. **Os Períodos Técnicos e os Paradigmas do Espaço do Trabalho.** In Revista Ciência Geográfica, ano VI, nº16. Bauru: AGB-Bauru, 2000.
- \_\_\_\_\_, Ruy. **A Diferença e a Geografia. O ardil da identidade e a representação da diferença na Geografia.** In revista GEOgraphia, ano I, nº1. Niterói: PPGeo/UFF, 1999.
- \_\_\_\_\_, Ruy. **O Paradigma e a Ordem. Genealogia e metamorfose do espaço capitalista.** in Revista Ciência Geográfica. Ano V, nº 10. Bauru: AGB-Bauru, 1999.
- \_\_\_\_\_, Ruy. **O Tempo e a Forma. A sociedade e suas formas de espaço no tempo.** In revista Ciência Geográfica, ano IV, nº 9. Bauru: AGB-Bauru, 1998.
- \_\_\_\_\_, Ruy. **O que é Geografia** (Coleção Primeiros Passos nº 48). 3ª edição: 1993. São Paulo: Brasiliense, 1993.



- \_\_\_\_\_, Ruy. **O discurso do avesso (para a crítica da Geografia que se ensina)**. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1987.
- \_\_\_\_\_, Ruy. **O racional e o simbólico na Geografia**. In ARROYO, M.; SCARLATO, F.; SANTOS, M.; SOUZA, A. orgs. **O novo mapa do mundo: natureza e sociedade de hoje, uma leitura geográfica**. São Paulo, Hucitec, 2002.
- \_\_\_\_\_, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia**. São Paulo, Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_, **O Pensamento Geográfico Brasileiro: as matrizes da renovação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_, **O Pensamento Geográfico Brasileiro: As Matrizes Brasileiras**. São Paulo, Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_, **O Pensamento Geográfico Brasileiro: As Matrizes Clássicas Originárias**. São Paulo, Contexto, 2009.
- PAZ, O. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- SANTOS, M. **Por Uma Geografia Nova**. S. Paulo: Ed. HUCITEC, 1978.
- \_\_\_\_\_, **Espaço e método**. Nobel, São Paulo, 1985.
- \_\_\_\_\_, **O espaço do cidadão**. Nobel, São Paulo, 1987.
- \_\_\_\_\_, **A urbanização brasileira**. Hucitec, São Paulo, 1994.
- \_\_\_\_\_, **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. Hucitec, São Paulo, 1994.
- \_\_\_\_\_, M. **A Natureza do Espaço**. S. Paulo: Ed. HUCITEC, 1996.
- \_\_\_\_\_, **Por uma outra globalização. Do discurso único à consciência universal**. Record, Rio de Janeiro, 2000.
- SARTRE, Jean Paul. **A imaginação**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- SOYA, E. **Geografias Pós-Modernas**. R. de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1983.
- TELMO, I.C. **A criança e a representação do espaço**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- WUNENBURGER, J.J. **O pensamento renano de Gaston Bachelar: conflito ou aliança da razão e da imaginação?** (in) Cronos, Natal-RN, v. 4, nº1/2, p. 15-22, jan./dez. 2003.